

# EDUCAÇÃO EMANCIPADORA E A LUTA CONTRA A BARBÁRIE (A FORMAÇÃO NO ALTAR DE SACRIFÍCIOS)

José Walber Ferreira Monteiro<sup>1</sup>

Débora Cristina Goulart<sup>2</sup>

“A exigência que Auschwitz não se repita é a primeira de todas para a educação... Qualquer debate a cerca de metas educacionais carece de significado e importância frente a essa meta: que Auschwitz não se repita.” Theodor Adorno

## RESUMO

Para Theodor Adorno, visto que somente uma educação emancipadora poderia desenvolver uma visão crítica sobre a sociedade, a problematização sobre nossa formação seria então, importante. Para tanto, em “Teoria da Semicultura”, o autor passa a fazer uma reflexão sobre como o espírito burguês dominante desde o século XVIII operou uma desconstrução de senso crítico. Características objetivas, tecnicistas, adaptativas, se impuseram sobre características subjetivas ou críticas, produzindo indivíduos submissos, semiformados e incapazes de lidar dialeticamente com a relação entre a natureza e as coisas do espírito. Esta semiformação, que passou a ser a forma dominante da consciência contemporânea, segundo Adorno, tem o potencial de nos orientar a barbárie. Visto ser a formação, a “cultura tomada pelo lado de sua apropriação subjetiva”, a ideia será a reflexão de uma formação que caminhe na construção de condições para um rompimento com a dominação caracterizada, por exemplo, pela adaptação, e que siga em direção, com todos os seus limites e contradições, de uma formação que produza autonomia. Em um mundo onde a técnica tem uma posição tão valorizada, uma reflexão sobre a formação de uma “consciência coisificada” e seu papel no processo de formação são importantes para compreensão do que exista de exagerado, irracional e mesmo patogênico neste uso da técnica. Reconhecemos o verdadeiro papel da educação e da possibilidade do desenvolvimento de uma consciência verdadeira.

Palavras-Chave: Pseudocultura, cultura, educação, emancipação.

---

<sup>1</sup> Mestrando do Curso de Educação da Universidade Federal de São Paulo – UNIFESP, walbermonteiro@yahoo.com.br

<sup>2</sup> Dr.<sup>a</sup> Debora Cristina Goulart, Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE - Unifesp), debora.goulart@unifesp.br

## INTRODUÇÃO

O esforço da reflexão de Adorno sobre educação tem relação com um modo de pensar que não pode se acomodar com uma racionalidade superficial. Uma educação que fuja do imediatismo de resultados e que reflita os sentidos históricos, sociais, culturais e humanos. O contrário de uma educação emancipadora, onde cada um sabe o seu papel no processo educativo, seria uma educação excludente, uma educação reprodutiva, um processo educativo escorado apenas na reprodução de conteúdo e conceitos, sem levar em conta a perspectiva prática, democrática e participativa, que se espera do ato educativo.

Embora geralmente relacionemos esse debate do processo educativo apenas a escola, importante que toda relação social e humana também caminhe nesta direção.

Por exemplo, no importante elemento do trabalho como princípio constitutivo do homem, quanto mais o homem se aliena, mas ele perde este sentido educativo do trabalho. Portanto, mais do que simplesmente produzir, mas sim, entender os processos produtivos, capacita os indivíduos na compreensão da produção social da própria vida e, portanto, todos os seus mecanismos, podendo então, alterá-lo se necessário.

Neste sentido, a educação teria um papel de uma formação ampla, completa, que se leva em conta não só a produção científica e tecnológica, mas também outros campos do conhecimento humano. Uma educação com uma perspectiva dialética, cujo seu papel não fosse reduzido a um mero instrumento útil de preparação para o trabalho.

A prática pedagógica não poderia ser esvaziada de reflexão. Uma educação emancipadora, mesmo levando em conta todos os fatores que a condicionam, teria a capacidade de modificar a sociedade, visto ser um elemento da estrutura social. É claro que isto não se daria no vazio, pois cada educador, independente de sua área específica de conhecimento e atuação, deveriam se apropriar de certas concepções filosóficas que orientem a sua prática, devendo aprofundar seus conhecimentos sobre as concepções pedagógicas.

O papel desta visão dialética na formação do educador envolve o questionamento sobre o mundo e seu funcionamento, a denúncia, a reflexão crítica, levando-se sempre em conta o contexto histórico, político, econômico e social em que se está inserido.

A ideia de autonomia utilizada por Adorno foi dada por Kant para determinar a independência da vontade em relação a qualquer desejo ou objeto do desejo. Referindo-se ao iluminismo e o que este poderia produzir, disse Kant:

“... a saída do homem de sua menoridade, da qual o culpado é ele próprio. A menoridade é a incapacidade de fazer uso de seu entendimento sem a direção de outro indivíduo. O homem é o próprio culpado dessa menoridade se a sua causa não estiver na ausência de entendimento, mas na ausência de decisão e coragem de servir-se de si mesmo sem direção de outrem”. (KANT, 2005, p.115)

Ainda hoje, as práticas educacionais mantêm a visão do educando como um ser sem luz, que tem a necessidade de ser “alimentado” por elementos externos, passivamente absorvendo conhecimento. Neste sentido, entendemos a direta relação dada por Adorno entre autonomia e conhecimento. Portanto, apenas um método que garanta a autonomia do sujeito poderia produzir um conhecimento baseado em uma reflexão crítica, produzindo uma educação que estimule, de fato, uma emancipação intelectual.

A exemplo do que Nicolau Copérnico havia sugerido para astronomia, de que não seriam os astros que girariam em torno da terra enquanto esta permanecia imóvel, para Kant, não seria o sujeito imóvel que assistiria a manifestação dos objetos. Antes, seria a compreensão do sujeito o que diria como as coisas são vistas e pensadas. Neste sentido, o sujeito seria a autoridade. No entanto, não tratamos aqui de um sujeito em particular e sim de um sujeito coletivo ou “sujeito universal”, visto ser esta capacidade inerente à própria estrutura cognitiva humana.

Essa condição do sujeito como responsável pelo conhecimento necessita, portanto, de uma educação emancipadora que seja capaz de retirar o homem de sua “menoridade intelectual”, pois “a preguiça e a covardia são as causas pelas quais uma tão grande parte dos homens (...) continuem, no entanto de bom grado menores durante toda a vida” (KANT, 2005, p.115). É neste sentido que Adorno, destaca que para haver a emancipação do pensamento há a necessidade de um rompimento com este estado de menoridade.

Assim, a existência da possibilidade de uma semicultura é dada pela própria dialética relacionada a cultura. Esta relação dialética se dá em dois momentos, o do espírito e o da adaptação. O deslocamento ou afastamento desses dois momentos é o que criaria o terreno fértil para o aparecimento da semiformação. Levando-se em conta o fato de sermos “animais”, reconhecemos que temos determinações biológicas e que, portanto, dependemos de condições materiais concretas da vida. No entanto, diferente dos outros animais, podemos dizer não a estes instintos nessa relação dialética de ser e não ser determinado pela natureza. Para a caracterização da pseudocultura, o risco estaria em se desenvolver uma cultura totalmente descolada da vida material, concreta.

Tanto a filosofia idealista (alemã) quanto a música erudita do mesmo período, seriam provas claras de como a cultura havia se destacado das condições materiais concretas, descolando-se da real vida social. Esse fenômeno, de uma “consciência coisificada”, foi mencionado pelo próprio Adorno ao relacioná-lo aos cientistas que, por exemplo, produziam trens mais rápidos e melhores e sistemas ferroviários mais eficientes, mesmo que o objetivo destes trens fosse levar mais pessoas aos campos de concentração, ou mesmo sobre os oficiais nazistas que enviavam prisioneiros para as câmaras de gás enquanto ouviam música erudita.

“Um mundo em que a técnica ocupa uma posição tão decisiva como acontece atualmente, gera pessoas tecnológicas, afinadas com a técnica... por outro lado, na relação atual com a técnica existe algo de exagerado, irracional, patogênico... Não se sabe com certeza como se verifica a fetichização da técnica na psicologia individual dos indivíduos, onde está o ponto de transição entre uma relação racional com ela e aquela super valorização, que leva, em última análise, quem projeta um sistema ferroviário para conduzir as vítimas a Auschwitz com maior rapidez e fluência, a esquecer o que acontece com essas vítimas em Auschwitz” (ADORNO, 1995, p. 132/133).

Para Adorno, o fruto desta “consciência coisificada”, seria a criação de um indivíduo simplesmente “incapaz de amar”, aliás, “cuja capacidade de amar, que de alguma maneira sobrevive, eles precisam aplicá-la aos meios” (Idem.). E como se esta constatação já não fosse terrível em si, Adorno continua, ao falar deste indivíduo semiformado a quem chama de “um sujeito experimental”:

“O perturbador – porque torna tão desesperançoso atuar contrariamente a isto – é que esta tendência de desenvolvimento encontra-se vinculada ao conjunto da civilização. Combate-lo significa o mesmo que ser contra o espírito do mundo...” (ADORNO, 1995, p.133).

Portanto, qualquer formação que desconsidere a necessidade dualista entre a relação do mundo real, concreto e as peculiaridades subjetivas tenderá a se converter, impreterivelmente, em semiformação. Se tratarmos as coisas do espírito ou da natureza como categorias fixas, cada uma delas, de sua posição isolada teremos, como resultado, uma formação regressiva. Ao contrário, uma formação emancipadora, crítica, só poderia surgir pelo estabelecimento de um processo de tensão dialética entre esses dois campos.

Mas seria possível um sujeito plenamente formado em uma sociedade não emancipada? Em nossa sociedade, o processo formativo exige dos indivíduos que se amoldem e estabeleçam um controle de suas pulsões. Neste sentido, portanto, um tipo de formação que precisa reprimir os impulsos para se estabelecer é uma formação calcada na dominação do indivíduo, caracterizada por aquilo que Adorno chamou de “sociedade administrada”.

Enquanto categorias fixas se petrificam no campo de forças, ou do espírito ou da natureza, a pseudocultura produzida a partir disto, faz-nos evitar um contato mais direto com as coisas do mundo, que a ignorância, neste sentido, poderia propor. E isto se dá por conta das representações pré-estabelecidas dessa nossa formação. E é neste sentido que Adorno deixa claro que não ter formação é melhor do ser alguém semiformado. No caso de uma semiformação, os sentidos seriam deformados pela maneira com que nos apropriamos da cultura, criando-se uma espécie de “consciência indigente”. E neste sentido, teríamos muitos exemplos de uma apropriação cultural incompleta ou falsa, através da integração em massa de bens culturais como, por exemplo, coleções de cd's de ópera ou mesmo ouvi-la pelo rádio, ou estudar temas complexos por meio de manuais ou coleções em formato de edições de bolso, ou a qualquer tipo de formação que seja mediada pela indústria cultural.

Mas, não só pelo formato em que esses bens culturais são oferecidos, repousa o problema de uma semicultura, mas também pelas condições concretas de assimilação dessa cultura, no qual a grande maioria das pessoas a quem foi negado a possibilidade a

esta formação, seja por não terem tempo, visto que estão preocupados em produzir seu próprio sustento, seja por não terem os recursos financeiros para consumir tal cultura, visto ser muito mais dispendiosa do que poderiam pagar, muitos acabam consumindo tais bens culturais produzidos em massa e, a partir disto, desenvolvendo uma falsa noção de estarem sendo culturalmente formados.

Outro extremo relacionado àqueles que não tiveram acesso a uma formação cultural real e que, portanto, estando sem condições de se apropriar dos bens culturais, declaram abertamente a esta cultura uma aversão ou mesmo um Anti-intelectualismo. A semiformação, por assim dizer, acabaria por desenvolver um certo sentido de integração, aos que de outra forma, continuariam excluídos.

Mesmo entre as camadas mais abastadas da sociedade, pode-se estabelecer uma falsa ideia sobre formação que oscila entre o positivismo, que estabelece regras e categorias de funcionamento do mundo, e a pós-modernidade que sugere uma liberdade espontaneísta. De novo, perde-se o necessário caráter dialético da formação.

## **A FORMAÇÃO NA LÓGICA DA DEMOCRACIA LIBERAL**

Tanto a escola quanto a educação podem contribuir significativamente para se produzir a pseudocultura. Uma das razões para isto seriam as reformas pedagógicas isoladas. Afirmando que estas “não trazem contribuições substanciais”, Adorno comenta:

“Poderiam até, em certas ocasiões, reforçar a crise, porque abrandam necessárias exigências a serem feitas aos que devem ser educados e porque revelam uma inocente despreocupação frente ao poder que a realidade extrapedagógica exerce sobre eles”. (ADORNO, 2005, p.2).

Há, portanto, uma necessária urgência para a compreensão do papel da educação na formação cultural pensarmos na maneira com que esta é estruturada. Por exemplo, quando pensamos na escola nova e a maneira com que coloca o educando no centro do processo educativo, precisaremos cuidar para que a importante cultura científica não

seja tratado com menor importância. Seria, neste sentido, uma marcante característica da pseudocultura, promover uma espécie de separação entre a teoria e a prática e de se estabelecer esta prática como sendo melhor.

Para evitarmos este risco, o autor sugere que precisaremos de uma leitura de mundo mais abrangente. Ao passo que nos é apresentada a própria categoria formação como algo definido, seria um exercício desejável, segundo Adorno, ir além das “insuficientes reflexões e investigações isoladas sobre os fatores que interferem positiva ou negativamente na formação cultural”.

Uma outra característica que contribuiria para a pseudocultura seria a falsa ideia de que o mundo já estaria interpretado e que, portanto, a partir de como o mundo é e funciona, segundo esta interpretação, poderia ser transformado. No entanto, Adorno destaca que os movimentos que acontecem dentro da totalidade social, “deveriam ser os primeiros a serem compreendidos”, sugerindo então, a necessidade de interpretá-lo apropriadamente dentro do contexto em que os fenômenos sociais acontecem.

Assim, a ideia de formação cultural como um conceito definido e cujos fatores sociais não estejam plenamente compreendidos se converteriam em pseudocultura, ao passo que criariam ou manteriam um “espírito alienado”, ao invés de superá-lo.

Como sendo parte da sociedade, a escola reproduz os mesmos elementos, contribuindo grandemente com a pseudocultura, a depender da maneira com que estiver estruturada.

Tendo em vista que esclarecimento não é o mesmo que formação, em contraponto a uma educação bancária proporíamos uma educação crítica, que equilibra a teoria e a prática, que verifica os limites e as contradições e que até repensa o papel desta escola na formação de nossa sociedade. Na definição de educação crítica aqui utilizada, Demerval Saviani explica:

“Enquanto as teorias não críticas pretendem ingenuamente resolver o problema da marginalidade por meio da escola sem jamais conseguir êxito, as teorias crítico-reprodutivista explicam a razão do suposto fracasso... o aparente fracasso é, na verdade, o êxito da escola; aquilo que julga ser uma disfunção é, antes, a função própria da escola. Com efeito, sendo um instrumento de reprodução das relações de produção,

a escola na sociedade capitalista necessariamente reproduz a dominação e exploração”. (SAVIANI, 2008, P.24).

Por tais definições, passamos a compreender o caráter segregador da escola definida em linhas não-crítica ou crítica-reprodutivista. Enquanto na primeira sacrifica-se a história por meio da busca de uma harmonia que anula as contradições do mundo real, na segunda, sacrifica-se a história aprisionando as contradições por meio da reificação da estrutura social. Já a escola crítica, comenta Saviani:

“Retenhamos da concepção crítica-reprodutivista a importante lição que nos trouxe: a escola é determinada socialmente; a sociedade em que vivemos, fundada no modo de produção capitalista, é dividida em classes com interesses opostos, portanto, a escola sofre a determinação do conflito de interesses que caracteriza a sociedade. Considerando-se que a classe dominante não tem interesse na transformação histórica da escola (ela está empenhada na preservação de seu domínio, portanto, apenas acionará mecanismos de adaptação que evitem a transformação), segue-se que uma teoria crítica (que não seja reprodutivista), só poderia se formulada do ponto de vista do interesse dos dominados... Uma teoria do tipo acima enunciado impõem-se a tarefa de superar tanto o poder ilusório (que caracteriza as teorias não-críticas), como a impotência (decorrente das teorias crítico-reprodutivistas), colocando na mão dos educadores uma arma de luta capaz de permitir-lhes o exercício de um poder real, ainda que limitado”. (SAVIANI, 2008, P.25).

Apesar de seus limites, a educação crítica seria um contraponto à pseudocultura, desconstruindo o “espírito alienado”. Neste caso, trazer ao indivíduo à consciência em relação a si e a sociedade, já seria uma grande contribuição a educação. Para tanto, precisaríamos tratar a educação como o que é, um “fenômeno social de superestrutura e que, portanto, tais fatos educacionais só poderão ser convenientemente entendidos quando tratados conjuntamente com uma análise socioeconômica das sociedades estudadas” (PONCE, 2005, p. 10).

Especialmente, devido a reformas educacionais isoladas, a pseudocultura tem se tornado mais clara na escola pública desde o século XX. Embora o princípio geral defendido seja o da democratização da escola, o que realmente observamos é que a ideia de uma educação igualitária fica só no discurso. Ao contrário, a educação e a escola



propriamente dita, tem cada vez mais segregado os estudantes, seja por conta de sua situação de classe, de gênero, de raça/etnia, orientação sexual, entre outras...

Na incapacidade desta escola em promover uma real formação, o seu produto, por consequência, é uma pseudoformação. Uma formação real necessita das condições subjetivas para que exista, no entanto, a escola como a conhecemos, trabalha com a lógica de uma formação meramente adaptativa, construindo bases para questões individuais voltadas apenas a satisfação imediata. Estudar estaria relacionada a obtenção de um melhor emprego, ao ingresso no ensino superior, ligado a status sociais ou mesmo simplesmente cumprimento de um ciclo. No entanto, continuamos vivo em uma relação primitiva em nosso mundo, não dominando vários conhecimentos básicos do funcionamento das coisas. Nos contentamos em consumir produtos da indústria cultural que nos dão a noção de formação, acessando “pacotes prontos de pensamentos”, que nós simplesmente aderimos.

Neste caso, resgatamos em Adorno e Horkheimer a ideia de mimese<sup>3</sup>, que embora seja considerada um sinal de regressão dos homens às condições limítrofes da pré-história, na verdade, esta mimese acaba aparecendo no processo de desenvolvimento da humanidade como algo reprimido e que coloca o homem sempre às margens do estado de barbárie de que tenta fugir. A tragédia de Auschwitz deixou a necessidade de um processo de esclarecimento a partir de uma perspectiva mais crítica, que leve em conta o movimento dialético da sociedade.

## **METODOLOGIA**

A referência teórico-metodológica deste artigo se caracteriza, como sendo de caráter bibliográfico e busca recolher através da pesquisa que permita uma reflexão do papel da formação crítica em contraponto a uma pseudoformação. Como se trata de um estudo histórico-conjuntural, a dialética (materialismo histórico-dialético) é a principal referência como método.

---

• <sup>3</sup> Adorno, T.W., & Horkheimer, M. (1986). O conceito de esclarecimento, In *Dialética do esclarecimento. Fragmentos filosóficos* (pp.19-52, G.A. de Almeida, Trad.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Texto original publicado em 1944).

O objetivo da pesquisa será compreender um dos fatores que influenciam as práticas pedagógicas para o desenvolvimento, por exemplo, da formação continuada de professores e suas percepções quanto ao papel no desenvolvimento de um processo formativo autônomo.

## **REFERENCIAL TEÓRICO**

Adotamos como referencial teórico o materialismo histórico-dialético e a perspectiva de análise do trabalho como elemento de construção da vida social. Tendo como referência a perspectiva de Adorno sobre pseudoformação, o artigo seguirá na linha de uma visão crítica da formação, como encontrado também em Demerval Saviani.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A escola pública, como uma importante instituição da sociedade, só conseguirá cumprir um papel de compromisso com uma verdadeira formação se tiver o além e não o limite. A história está cheia de exemplos de que indivíduos fracamente formados tendem a amparar suas identidades externamente, ocupando um papel limitado de observador anestesiado, inerte, incapaz de refletir sobre o significado das possibilidades de suas experiências vividas.

Enquanto uma formação real, pura, capacita aqueles que a tem a decompor o que a ideologia entrega pronto, os sujeitos pseudoformados se sujeitam a tais ideologias sem mediações ou reflexões mais profundas. Neste sentido, a pseudoformação se torna o ambiente propício aos tipos de extremismos religiosos, políticos, culturais. Por este motivo, para Adorno, que o antissemitismo seria uma manifestação da razão, calcado na lógica econômica, mas que, contraditoriamente, trabalha para própria destruição do processo civilizatório que se dispõe a desenvolver, “o próprio esclarecimento, em plena posse de si mesmo e transformando-se em violência, conseguirá romper os limites do esclarecimento” (ADORNO, 1985, p. 194).

Ao invés de explorar o caráter totalizante do conhecimento que a dimensão humana exige, a sociedade pseudoformada e suas instituições como a escola, limitam-se a mimetizar padrões. O conceito de dialética torna-se um pecado a ser combatido e seus confessos praticantes indivíduos a serem evitados, ignorados. Troca-se a experiência, que é uma das bases da formação, pela vivência. Sacrifica-se a possibilidade de desenvolvimento intelectual, que necessita estabelecer a todo momento a crise do lugar onde se está, em nome de uma adaptação pacificadora.

A pseudoformação substitui a formação com experiências e conceitos pelas informações (até porque o exercício de construção de conceitos é característica de pessoas formadas). Como consequência, observamos uma geração mal-formada, mas sempre com “opiniões” sobre tudo. Gera-se aqui um “eu-delirante”, que não consegue estabelecer qualquer tipo de mediação entre o que crê e divulga e a realidade. Portanto, concluímos que a questão da educação e seu papel na pseudoformação não é um problema de currículo, mas sim de “espírito”, no entanto, quanto maior a formação na lógica formal burguesa, maior será a tendência da pseudoformação estabelecer a luta contra o estado da natureza.

Uma educação que tenha uma formação emancipadora não pode ficar apenas no campo das ideias ou somente na satisfação de necessidades imediatas, tendo que se realizar pela junção de idealismo e materialismo. Deverá ser o lugar da fruição do aprender por aprender ao invés de lugar da mera adaptação ao existente. E admitindo que essa educação só possa existir sobre a égide de um outro tipo de sistema econômico e político, com outros valores, toda orientação de nossa energia na construção de uma educação crítica, de formação pura, já tem em si, os méritos de estabelecer uma educação para a contradição e para a resistência.

## **REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICAS**

ADORNO, T. W.; **Educação e emancipação**. 2ª Ed., Editora Paz e Terra, Rio de Janeiro, RJ, 1995.

ADORNO, T., W. HORKHEIMER, M. **Dialética do Esclarecimento**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1985.

ADORNO, T. W.; **Teoria da semicultura**. Primeira versão, ano IV, nº191, volume XIII Maio/Agosto, Porto Velho, 2005.

KANT, I. **Crítica da Razão Pura** (Coleção Os Pensadores). São Paulo: Abril Cultural, 1983.

\_\_\_\_\_, I. **Resposta à pergunta: o que é o esclarecimento? In: Kant - Textos seletos**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.

PONCE, A.; **Educação e luta de classes**; 21 Ed., São Paulo, SP, Cortez Editora, 2005.

SAVIANI, D.; **Escola e democracia**. Ed. Autores Associados LTDA. Campinas-SP, 2008.